

MEMÓRIAS DA SAÚDE CARIOCA

EPISÓDIO 1: HOSPITAL MUNICIPAL ROCHA MAIA & SUPER CENTRO CARIOCA DE VACINAÇÃO

Por Daniel Sampaio / SMS



Fachada do novo Super Centro Carioca de Vacinação (no Hospital Municipal Rocha Maia) após reforma, em janeiro de 2023
Edu Kapps / Prefeitura do Rio

Quem passa pelo número 91 da Rua General Severiano, em Botafogo, não imagina o quanto de história aquela bela e recém reformada estrutura arquitetônica já vivenciou — e quanto serviço em benefício da saúde pública da nossa cidade já foi ali prestado, ao longo de mais de um século. Mas primeiro precisamos entender um pouco da memória do lugar onde ela se encontra.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A região onde hoje se encontra o complexo arquitetônico do Super Centro Carioca de Vacinação e do Hospital Municipal Rocha Maia é uma das mais antigas ocupações da colonização da nossa cidade.



Guerra entre franceses, tamoios, portugueses e temiminós, em gravura de Hans Staden, "Duas Viagens ao Brasil", século XVI

Ali perto, na atual Fortaleza de São João, na Urca, aos pés do Morro Cara de Cão, foi fundada, em 1565, por Estácio de Sá, a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Esse ato oficial foi importante etapa de um processo que culminou, em 1567, na expulsão dos franceses que ocupavam a Guanabara há décadas, em parceria com os tamoios, ou tupinambás (ocupação conhecida como França Antártica).

Antes chamado de "Itaóca" pelos tamoios (casa de pedra), o bairro de Botafogo teve seu primeiro topônimo português a "Enseada de Francisco Velho", nome dado à atual Enseada de Botafogo, por causa do senhor de terras lusitano que lá se instalaria após a expulsão dos franceses. Os descendentes de Francisco Velho foram os primeiros habitantes europeus de Botafogo e ocuparam o terreno onde hoje está o campus Praia Vermelha da UFRJ, bem ao lado da atual Rua General Severiano.

O próprio bairro de Botafogo tem seu nome em homenagem ao português que sucedeu Francisco Velho como dono daquelas terras. Em 1590, o português João Pereira de Souza, conhecido como "Botafogo" por seus talentos de "arcabuzeiro" (especialista em armas de fogo manuais), adquiriu as terras de Velho. Seu apelido passou a dar nome à toda a região, com o passar dos anos.



Praia de Botafogo com Dois Irmãos, Gávea e Corcovado ao fundo (atribuído) - primeira metade do século XIX
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007

Botafogo foi, durante grande parte do período colonial, uma distante região que servia sobretudo como passagem entre a região central e as fortificações da zona sul e o importante engenho real que ficava na Lagoa Rodrigo de Freitas. Era parte da Freguesia rural de São João Batista da Lagoa, região dividida desde o início do século XVIII entre três chácaras: a de Olaria (grande parte do bairro atual), a de Outeiro e a de Vigário Geral (região da Praia Vermelha e arredores).

A partir da chegada da família real portuguesa, em 1808, Botafogo torna-se morada de nobres, ricos comerciantes e do corpo diplomático que vem ao Brasil junto com a corte. Um exemplo famoso foi a Rainha Carlota Joaquina, que mandou construir sua casa bem distante de D. João VI, na esquina da Praia de Botafogo com a atual Marquês de Abrantes.

Na primeira metade do século XIX, o Rio de Janeiro era uma cidade insalubre, recebendo a fama de “cemitério dos estrangeiros”. Não à toa, quando o Imperador Dom Pedro II ordenou a construção de um hospício, mandou que ele estivesse longe dos maus ares do Centro.

Foi então erguido, em 1841, o imponente Hospício de Dom Pedro II, também conhecido como Hospital dos Alienados, na Chácara de Vigário Geral (na extinta Praia da Saudade). Iniciava-se ali a grande vocação daquela região entre a Urca e Botafogo como área destinada a prédios públicos de grande relevância (Benjamin Constant, etc).

Apesar de ter sido, em 1853, a terceira cidade no mundo a criar um sistema de esgoto sanitário, o Rio de Janeiro do Imperador D. Pedro II precisava expandir para longe de seu Centro fétido e ainda repleto de doenças.



Hospício Nacional de Alienados, também Hospício D. Pedro II, atual UFRJ / 1866 circa
Leuzinger, Georges / Coleção Pedro Corrêa do Lago / Instituto Moreira Salles

À medida que os serviços públicos (transporte, gás, água) iam alcançando o pacato e rural bairro de Botafogo, novas ruas iam sendo abertas. É grande a quantidade de mansões construídas por lá ao longo do século XIX. Com a expansão do acesso ao transporte coletivo, empreendimentos imobiliários de classe média também avançam.

Já no século XX, a Rua General Severiano, antes conhecida como Rua do Hospício de D. Pedro II, ganha seu nome atual em homenagem ao militar, médico e diplomata alagoano João Severiano da Fonseca, patrono do serviço de saúde do Exército brasileiro.

AS REFORMAS SANITÁRIAS DE OSWALDO CRUZ

No início do século XX, a então capital federal sofria com doenças pestilenciais como a peste bubônica, cólera, febre amarela, varíola e das doenças de massas, isto é, doenças infecciosas e parasitárias como a tuberculose, lepra e febre tifoide.

O Presidente era Rodrigues Alves (1902-1906) e o Prefeito do então Distrito Federal era o engenheiro Pereira Passos, que empreendeu extensas reformas urbanas no Rio de Janeiro

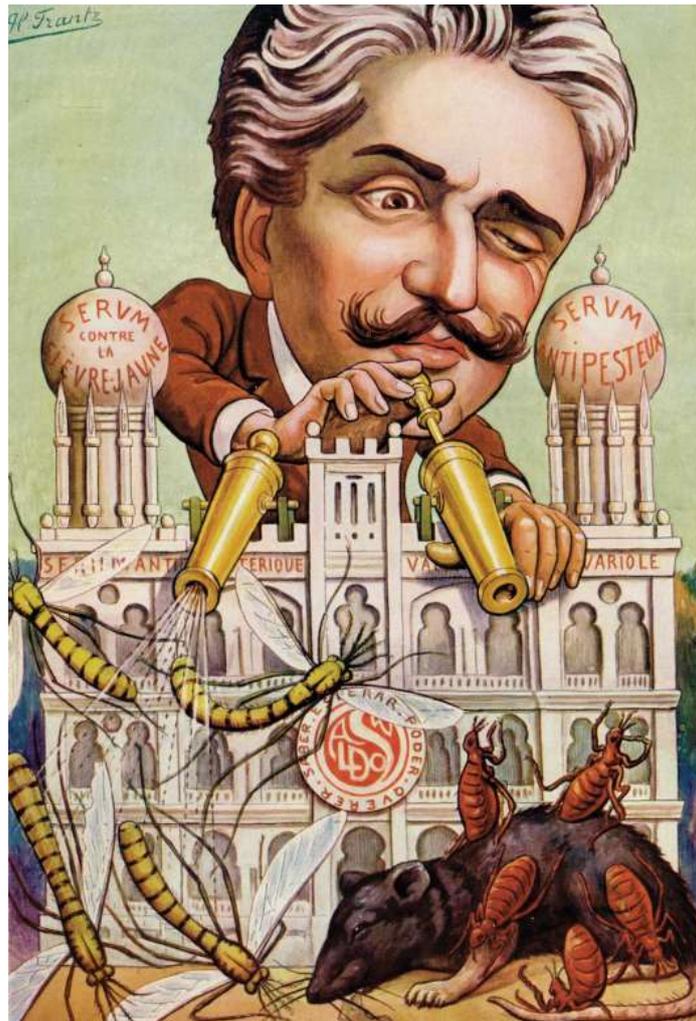
a fim de transformá-lo numa cidade digna de ser a capital federal da jovem República brasileira. Um dos aspectos negativos era a questão sanitária e, por isso, o governo federal decretou a absorção do serviço de higiene defensiva do Rio de Janeiro pela autoridade de saúde do país.



Augusto Malta. Avenida Central - vista panorâmica durante os trabalhos de pavimentação, setembro de 1905 / Museu da República

Em 1903, Oswaldo Cruz, médico sanitarista que havia se especializado em Bacteriologia no renomado Instituto Pasteur de Paris, é nomeado diretor geral de saúde pública, o equivalente ao cargo atual de Ministro da Saúde.

Essa nomeação chega como reconhecimento por seu trabalho com a peste bubônica no recém-criado Instituto Soroterápico Federal, instalado na fazenda de Manguinhos, onde posteriormente veio a ser criada a Fundação Oswaldo Cruz.



Charge de Oswaldo Cruz - 1911 - H. Frantz (FRA)

A partir daí, tiveram início uma série de iniciativas que ficaram conhecidas como as reformas sanitárias de Oswaldo Cruz.

Oswaldo Cruz recebeu super poderes do governo federal e foi radical em sua luta contra os vetores das doenças que afligiam a nossa população. Contra a febre amarela criou as "brigadas mata-mosquito"; contra a peste bubônica, pagou à população por cada rato — vivo ou morto — que fosse capturado; mas contra a varíola propôs a vacina obrigatória, recurso ainda pouco conhecido, que gerou desconfiança e revolta na população.



A Revolta da Vacina, charge de Leonidas, publicada em 29 de outubro de 1904 na edição 111 da revista O Malho

A revolta da vacina, em novembro de 1904, trouxe caos, destruição e morte à cidade. Parte da população via na vacinação obrigatória uma ameaça à liberdade; afinal, como é que decentes senhoras despiriam seus ombros para homens da saúde pública? Boatos corriam de que a vacina, na verdade, provocava a varíola, em vez de imunizar.

Como a descoberta da vacina tem origem na imunização da varíola em vacas (em latim, *vaccinus*, "derivado da vaca"), havia até quem acreditasse que as injeções transformassem as pessoas em bovinos. Não, as "fake news" não são exclusividade dos nossos tempos. E grupos contrários ao governo, de monarquistas a operários, usaram o pensamento "anti-vacina" como pretexto para pedir a deposição de Rodrigues Alves.

Depois de uma semana de conflitos pelas ruas da cidade, o saldo da revolta foi de 30 mortos, mais de 110 feridos, 945 presos e 461 pessoas deportadas para o Acre. Apesar de ter vencido o motim, o governo acabou derrubando a obrigatoriedade da vacina.



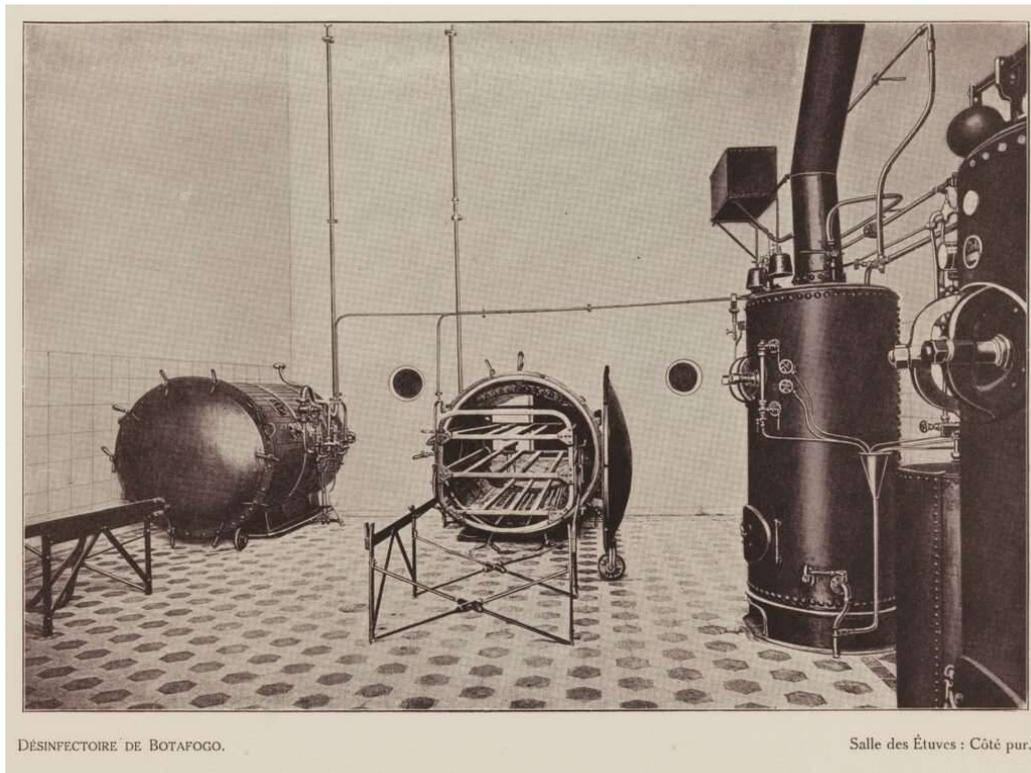
Desinfectório central - Edifício da Diretoria Geral de Saúde Pública - Rua do Resende
Foto de Antenor Sobrosa, 1914 - acervo do Instituto Moreira Salles

Foi nesse contexto de continuidade e consolidação das reformas sanitárias que surgiram os desinfectórios, edificações que tinham como objetivo cuidar do isolamento das vítimas de doenças infecciosas, do serviço de exterminação dos ratos e da desinfecção do doente, de sua casa e seus pertences.

Como parte das reformas nos serviços de higiene da capital federal, o governo de Rodrigues Alves planejou construir um sistema de desinfectórios: um desinfectório central (Centro) e dois desinfectórios distritais — um em Botafogo e outro no Engenho Velho (Tijuca). Em algumas notícias de jornais da época, menciona-se um desinfectório distrital também em São Cristóvão.

O desinfectório central estava localizado na extinta Rua Clapp, na região do Cais Pharoux (nas proximidades da Praça XV). Em 1907, foi demolido para dar lugar ao Mercado Municipal. Logo, o Desinfectório de Botafogo passou a ser considerado como o central. Um novo Desinfectório Central, também projetado por Luiz Moraes Jr., foi construído na Rua do Resende e inaugurado apenas em 1914.

“VOCÊ SABIA?”: O QUE É UM DESINFECTÓRIO?



DÉSINFECTOIRE DE BOTAFOGO.

Salle des Étuves : Côté pur.

Desinfetório de Botafogo - sala do forno - 1913 - La Campagne Sanitaire au Brésil - Dr. Teophilo Torres

Mas, afinal, o que é um desinfetório e para que serve no trabalho de higiene e nas medidas sanitárias de uma cidade?

Nas dependências de um desinfetório, cidadãos infectados podem utilizar o hospital de isolamento e ter seus bens desinfetados. O Inspetor Médico e os funcionários do chamado serviço de isolamento e de desinfecção também têm como funções externas:

- promover o isolamento domiciliar dos pacientes infectados, quando for o caso
- transporte de pacientes ao hospital de isolamento
- desinfecção das casas onde ocorreram casos de doenças infecciosas
- serviço de extermínio de ratos para prevenir a peste

O DESINFECTÓRIO DE BOTAFOGO



Desinfectório de Botafogo - 1913 - La Campagne Sanitaire au Brésil - Dr. Teophilo Torres

No segundo semestre de 1905, foi inaugurado o Desinfectório de Botafogo, no terreno da Rua General Severiano, número 91. Uma placa de bronze localizada na ante-sala do Super Centro Carioca de Vacinação diz o seguinte:

“Este Desinfectório foi construído em 1905. Sendo Presidente da República dos Estados Unidos do Brazil o Exmo. Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e o Ministro do Interior o Exmo. Sr. Dr. José Joaquim Seabra.”



Não se sabe, entretanto, a data exata de inauguração do Desinfectório de Botafogo. O que se tem notícia é que em 8 de agosto de 1905, antes de sua inauguração oficial, foi recebida uma comitiva de médicos estrangeiros que participavam do III Congresso Médico Científico Latino Americano, no Rio.

Nessa mesma reportagem do jornal “A Notícia”, diz-se que o Desinfectório de Botafogo foi construído em parte dos terrenos da Rua General Severiano onde iria ser construída uma universidade.

Em 1907, o sanitarista Oswaldo Cruz e sua equipe receberam a medalha de ouro no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, na Alemanha, em reconhecimento pelo trabalho de saneamento da cidade do Rio de Janeiro — Capital Federal à época —, processo que culminou com a erradicação total da peste bubônica e da febre amarela naquele mesmo ano.

O VIZINHO BOM DE BOLA



Estádio da General Severiano (Botafogo Football Club) - década de 1910 - Desinfectório de Botafogo - SD (colorizado)

Na fotografia colorizada acima, tirada na década de 1913, vemos, de cima, o Estádio General Severiano, do então Botafogo Football Club. Ao lado dele, está o prédio do Desinfectório de Botafogo. Ao redor, casas e prédios da região. Vemos as ruas General Severiano e Venceslau Brás.

Vizinho do Desinfectório desde 1913, com a inauguração de seu estádio em General Severiano, o Botafogo ocupou parte do terreno federal ocupado também pela saúde da capital. Esse estádio funcionou até sua demolição em 1974.

A GRIPE ESPANHOLA E O DESINFECTÓRIO DE BOTAFOGO

Em 1918, chega ao Rio de Janeiro a terrível doença que vitimaria entre 17 e 50 milhões mundo afora: a gripe espanhola. A H1N1 teve um impacto fulminante em terras cariocas, em poucos meses, causando caos e muitas mortes.

O Desinfectório de Botafogo serviu como pronto-socorro, sob a direção do Dr. Campos da Paz e do Dr. Sá Pereira. No dia 22 de outubro de 1918, 171 pessoas foram atendidas e 34 socorros domiciliares foram feitos.

Em 1921, passa a abrigar o Dispensário de Botafogo, local de tratamento da tuberculose e embrião dos atuais “centros de saúde”. Nas décadas seguintes, tornou-se a sede do 4o Distrito Sanitário, protagonizando importantes campanhas de vacinação.



Desinfetório de Botafogo, 1905 - foto de J. Pinto - acervo do Instituto Oswaldo Cruz / FIOCRUZ

1958/1962: O HOSPITAL ROCHA MAIA



PRONTO SOCORRO EM COPACABANA — Com a presença do prefeito Negrão de Lima, do secretário Guilherme Ramalho e sr. Durval Viana, foi inaugurado o Dispensário de Pronto Socorro, de Copacabana, no prédio onde funcionava o Serviço de Salvamento de banhistas daquelas praias, que passou a ser agora simples dependência do Dispensário. Atendendo a qualquer chamado de dia ou de noite pelos telefones 37-2121 e 37-2271, dispõe o Dispensário de uma equipe de 15 médicos, 16 enfermeiras, 14 acadêmicos estagiários e duas ambulâncias. Os serviços de adaptação do prédio e Salvoamento em Pronto Socorro foram executados pelo Departamento de Obras da PDP em tempo recorde de 72 horas. O Dispensário de Copacabana, entretanto, funcionará como desdobramento do Hospital Miguel Couto e só atenderá os casos de assistência médica imediata pois que os que exigem internamento do doente serão encaminhados diretamente ao Hospital. Na foto — o prefeito Negrão de Lima inaugura oficialmente o novo Pronto Socorro de Copacabana, destinado a atender a toda a vasta população da Zona Sul da cidade.

Nota em O JORNAL - 6 de abril de 1958

Foi ideia do Dr. Otávio Pieranti, primeiro diretor do Rocha Maia, que o então Prefeito do Distrito Federal, Negrão de Lima, investisse em hospitais de pequeno porte, em vários pontos da cidade. O ano era 1958 e o Rio de Janeiro preparava-se para a mudança da capital para o Planalto Central. Nesse contexto, em abril de 1958, é inaugurado o Hospital Dispensário Pronto Socorro de Copacabana, na Praça do Lido — onde ficava há décadas o pronto-socorro para os afogados. Acrescentaram-se a essa estrutura de salvamento algumas adaptações para o funcionamento de pronto-socorro de urgência.

DISQUE
37-2121
SERVIÇO DE PRONTO SOCORRO
EM COPACABANA

No prédio do Posto de Salvamento do Lido

Procurando servir melhor

Também no novo Posto do Lido, o número padronizado (2121) dos telefones do Pronto Socorro facilita o serviço de assistência médica urgente aos moradores da Zona Sul.

RELAÇÃO DOS POSTOS DE PRONTO SOCORRO DE TODA A CIDADE

Novo posto de pronto socorro e serviço de salvamento **37-2121**

Hospital Geral Souza Aguiar (Praça da República)	32-2121
Hospital Geral Miguel Couto (Rua Mário Ribeiro)	47-2121
Hospital Dispensário do Meier (Rua Santa F)	29-2121
Hospital Geral Gestão Vargas (Rua Lobo Junior)	30-2121
Hospital Geral Carlos Chagas (Av. Osv. C. Faria)	MHS-21
Hospital Geral Rocha Faria (Av. Casário de Melo)	COR-21
Hospital Geral D. Pedro II (Rua D. João VI)	51C-21
Hospital Dispensário Paulo Werneck (Estr. da Cajuí)	GOV-21
Hospital Dispensário M. A. Vissolim (Praça B. Jesus)	PQA-21

Anúncio em jornal de 1958 - Pronto Socorro de Copacabana

Com a transferência da capital para Brasília, a cidade do Rio passa a ser o Estado da Guanabara, governado por Carlos Lacerda entre 1960 e 1965. Em 1962, o Dr. Pieranti foi encarregado por Lacerda de realizar estudos sobre o funcionamento do novo hospital de Copacabana. A sua conclusão foi de que o antigo Desinfectório da Rua General Severiano, onde funcionava o 4o Distrito Sanitário, deveria ser a sua sede.

Efetua-se então a integração entre o Hospital Dispensário Pronto Socorro de Copacabana e o 4o Distrito Sanitário, dando origem à unidade hospitalar que hoje conhecemos como Hospital Rocha Maia. Ela foi assim nomeada apenas em 1964, em homenagem ao renomado cirurgião Dr. José Rocha Maia.

INAUGURAÇÕES

Hoje, às 10 horas, o Governador do Estado da Guanabara, inaugurará as novas instalações do Hospital Dispensário Pronto Socorro de Botafogo, à Rua General Severiano, 91.

8b - Nota - coluna social - jornal A Noite - 1o de outubro de 1962

SOBRE O DR. JOSÉ ROCHA MAIA

Nome de cirurgião de destaque, Dr. José Rocha Maia, que fez parte da equipe de clínica cirúrgica da extinta “Policlínica do Hospital de Crianças”, que ficava na também extinta Rua Miguel de Frias, n. 57, nas proximidades do atual Centro Administrativo São Sebastião (CASS), sede da Prefeitura do Rio. O que se sabe sobre o Dr. Rocha Maia, além de integrar a equipe cirúrgica dessa policlínica (e também de uma tal policlínica José Carlos Rodrigues), é que ele morava na Rua Conde de Bonfim, 187, nos anos 1920. Tornou-se Segundo Tenente Médico do Exército em 1925 e, após concurso público municipal, em 1926, tornou-se cirurgião do “Hospital do Prompto Socorro”.

DEZ ANOS DO HOSPITAL ROCHA MAIA

Em 5 de outubro de 1968, o Hospital Rocha Maia comemorou seus dez anos, apesar de estar passando, então, por uma crise. Havia enorme carência de leitos, pois tinha um raio de atendimento de aproximadamente 1 milhão de pessoas. Dirigido por Murilo Capanema, o Hospital Rocha Maia e sua equipe realizaram enorme esforço para melhorar o seu sistema de atendimentos e superar sua precariedade de leitos, como também a falta de uma sala de cirurgia.

No dia do aniversário de 10 anos, apesar de todas as dificuldades, o Hospital Rocha Maia elaborou um programa de festejos, em que estiveram incluídos uma missa em Ação de Graças, uma sessão solene e um grande almoço com a presença de várias autoridades, civis e militares. A Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara ajudou nas comemorações, mandando confeccionar cartazes alusivos e a Guarda Civil enviou sua banda de música.